

FITOTERAPIA: PERCEÇÃO E UTILIZAÇÃO ENTRE PARTICIPANTES DE UM SIMPÓSIO

Andreza Ferreira Guedes (1); Walter Leandro Candeia Neto (1); Mayara Ramalho de Andrade (1);

(1) *Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural. andreza.cbio@gmail.com; walterleandro11@hotmail.com; mayara-r.a@hotmail.com;*

Resumo: O objetivo do presente estudo foi investigar o nível de conhecimento, crença e utilização de plantas medicinais entre participantes de um simpósio, organizado por uma universidade. Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagens quantitativa e qualitativa. Os dados foram coletados durante um minicurso. O instrumento usado para a coleta de dados foi um questionário estruturado composto por duas partes: dados sociais dos participantes e questões, objetivas e subjetivas, referentes ao conhecimento e à utilização de plantas medicinais. Em seguida foi ministrada uma palestra sobre a importância do uso correto de plantas medicinais para a saúde do usuário e formas de preparo de fitoterápicos. A amostra foi representada por 34 informantes que sabiam o que é uma planta medicinal e acreditavam na cura de enfermidades através da fitoterapia. Foram citadas 21 espécies de plantas medicinais distribuídas em 16 famílias botânicas. A erva cidreira (21,1%) foi a espécie mais representada. A própria residência (61,76%) foi o local mais próximo onde os entrevistados podiam encontrar plantas medicinais. O chá (43,33%) e o xarope (33,33%) foram os remédios caseiros mais utilizados pelo público-alvo e o aprendizado sobre o uso de plantas medicinais foi adquirido principalmente através da família (56,61%). De acordo com a análise dos dados, os participantes apresentam um conhecimento acerca das propriedades curativas das plantas, como também da sua utilização. Contudo, faz-se necessário a participação das instituições de ensino na divulgação do uso correto de plantas medicinais, buscando assim melhores condições de vida para população.

Palavras-chave: Etnobotânica, Plantas medicinais, Educação.

Introdução

As plantas medicinais sempre foram utilizadas para curar diversas enfermidades desde as mais antigas civilizações. Através de estudos etnobotânicos e farmacológicos a ciência comprovou propriedades medicinais presentes em várias plantas e, a partir de então, foram formulados muitos produtos fitoterápicos.

As plantas medicinais são usadas na forma de chás, xaropes, pomadas, banhos, inalações, sucos e outros tipos de bases para diversas finalidades, como cura de doenças, desintoxicação orgânica, tratamentos estéticos e até mesmo na própria alimentação.

A crença na cura de doenças através da fitoterapia é intensificada por uma cultura familiar, com bons resultados fitoterápicos comprovados na praticidade diária ao longo das gerações, principalmente pelas pessoas de menor poder aquisitivo que mantêm, na maioria das vezes, uma relação estreita com a flora local, devido às dificuldades de acesso à saúde pública.

Essas plantas e seus derivados são adquiridos em feiras livres, farmácias e em quintais. No entanto deve-se ter cuidados essenciais desde o cultivo até o processamento dos fitoterápicos, para que a utilização dos mesmos não traga riscos à saúde do usuário.

O Brasil tem uma rica história de uso de plantas medicinais no tratamento dos problemas de saúde da população, uso este construído com base na experiência e transmitido de forma oral. Largamente usada até meados do século XX, a fitoterapia entrou em declínio com a intensificação do uso dos medicamentos industrializados (BRUNING et al., 2012).

Segundo Elisabetsky e Setzer (1987), a coleta de informações é fundamental para se obter e resgatar o conteúdo de aspectos culturais, muitas vezes específicos de cada local e importantes para o uso coerente das plantas.

No Brasil, a intensificação dos trabalhos etnobotânicos leva ao conhecimento das espécies que são utilizadas, podendo servir como instrumento para delinear estratégias de utilização e conservação das espécies nativas e seus potenciais (MING., 1995). No Estado da Paraíba o uso de plantas medicinais com fins terapêuticos ainda é bastante comum, principalmente no meio rural e no urbano de baixo poder aquisitivo (MARINHO., 2006).

Assim sendo, estudos etnobotânicos nesta região devem ser incentivados no sentido de atuar para o bem-estar da população, visando uma melhoria do tão precário quadro da saúde, e também, conciliando a experiência popular com o conhecimento científico, para que se tenha uma fitoterapia segura e eficaz.

Em se tratando da universidade e tendo em vista o papel que ela representa na formação do indivíduo e a sua potencialidade de estimular a criação de conceitos, assim como sua atitude questionadora e crítica em relação à realidade, o presente trabalho objetivou investigar o nível de conhecimento, crença e utilização de plantas medicinais entre participantes de um simpósio, organizado por uma universidade.

Metodologia

Essa pesquisa foi desenvolvida em um minicurso intitulado: Utilização de plantas medicinais (Fitoterapia), ministrado durante o IV Simpósio Patoense de Biologia, no município de Patos-PB, organizado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.

O minicurso foi desenvolvido em duas etapas. No primeiro momento foi aplicado um questionário estruturado composto por duas partes. A primeira refere-se a dados sociais dos participantes, como sexo e idade. A segunda parte diz respeito a questões, objetivas e subjetivas,

referentes ao conhecimento e à utilização de plantas medicinais. Na segunda etapa foi ministrada uma palestra sobre a importância do uso correto de plantas medicinais para a saúde do usuário e formas de preparo de fitoterápicos.

O estudo foi do tipo exploratório, descritivo, com abordagem quantitativa e qualitativa. Os participantes foram informados quanto ao objetivo da pesquisa, com direito de aceitar ou desistir da mesma a qualquer momento. E assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados obtidos com a aplicação dos formulários foram armazenados em um banco de dados desenvolvido no programa Microsoft Excel® (2016). Foram utilizados gráficos contendo frequências relativas e uma tabela com as plantas utilizadas e suas indicações terapêuticas.

Resultados e Discussão

Faixa etária e sexo dos informantes

A população envolvida foi constituída por 34 participantes do minicurso. A idade dos informantes variou de 16 a 49 anos. Em pesquisa realizada em uma universidade privada na região leste do município de São Paulo (SP), acerca da utilização de plantas medicinais, a idade dos entrevistados variou entre 18 e 50 anos (SANTOS; SEBASTIANI, 2011).

Dos 34 entrevistados, 27 eram do sexo feminino (79,4%) e 7 do sexo masculino (20,6%). Resultados similares foram obtidos por Brizzolla et al. (2018) e Moura et al. (2016), em que grande parte do público consultado era do sexo feminino. O papel feminino é bastante relevante no acúmulo e na transmissão de conhecimentos sobre plantas medicinais. Isso pode ser atribuído ao fato de que historicamente as mulheres são as principais responsáveis pelo cultivo e manejo das plantas medicinais (FLORENTINO et al., 2007) e pelos cuidados aos familiares, principalmente com os filhos, quando adoecem (FERRÃO et al., 2014).

Crença na eficácia de plantas medicinais

Todos os participantes sabiam o que é uma planta medicinal e acreditavam na cura de enfermidades através da fitoterapia. Moura et al. (2016) visando avaliar o conhecimento sobre plantas medicinais e fitoterápicos de acadêmicos de Nutrição de uma Instituição privada de Teresina, Piauí relataram que 94,59% acreditavam na eficácia dos fitoterápicos.

De acordo com Dorigoni et al. (2001), a eficácia das plantas medicinais no tratamento de diversas doenças e o conhecimento sobre o uso e preparo, transmitida de geração em geração de forma empírica, contribuem para a grande utilização por populações tradicionais.

Plantas medicinais conhecidas pelos participantes

Foi questionado aos entrevistados se os mesmos conheciam alguma planta medicinal e todos os informantes responderam que sim.

Os participantes mencionaram 21 espécies de plantas medicinais distribuídas em 16 famílias botânicas. Resultado esse semelhante ao encontrado por Oliveira et al. (2016), em Viçosa do Ceará, em um estudo com alunos das zonas rural e urbana, em que foram citadas 21 espécies de plantas medicinais.

As plantas medicinais mais citadas foram erva cidreira (21,1%), chá verde (5,2%), macela (8%), romã (8%), hortelã (8%) e camomila (8%) (Tabela). Santos e Sebastiani (2011) obtiveram a erva cidreira, a hortelã e a camomila na lista das plantas medicinais mais utilizadas em seu trabalho. Segundo Mera et al. (2018), mesmo entre regiões diferentes, pode haver uma semelhança quanto às preferências e uso das espécies medicinais, considerando é claro o período de cultivo de cada planta, respeitando o clima de cada região.

A erva cidreira (*Lippia alba* (Mill) N. E. Brown) apresentou as seguintes indicações terapêuticas: diarreia, digestão, afecções estomacais, aperiente, calmante, dor de cabeça e dores musculares.

Tabela: Espécies de plantas medicinais conhecidas pelos participantes do minicurso, com seus respectivos nomes vulgares, nomes científicos, famílias botânicas, indicações terapêuticas e frequências relativas

Nome vulgar	Nome científico	Família	Indicação	Frequência relativa
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Tosse, bronquite e asma.	2,6%
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	Asteraceae	Hipertensão arterial.	2,6%
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Dor de ouvido.	2,6%
Batata de purga	<i>Ipomoea purga</i> (Wender.) Hayne.	Convolvulaceae	Vermífugo.	2,6%
Boldo	<i>Peumus boldus</i> (Mol.) Lyons.	Monimiaceae	Digestão.	2,6%
Camomila	<i>Matricaria recutita</i> L.	Asteraceae	Hipertensão arterial.	8%
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Poaceae	Calmante.	2,6%
Chá verde	<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Theaceae	Febrífugo, emagrecedor	5,2%

Continua...

Continuação da Tabela

Nome vulgar	Nome científico	Família	Indicação	Frequência relativa
Copaíba	<i>Copaifera sp.</i>	Fabaceae – Caesalpinoideae	Cicatrizante e anti- inflamatório.	2,6%
Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill) N. E. Brown	Verbenaceae	Diarreia, digestão, calmante, aperiente, afecções estomacais, dor de cabeça e dores musculares.	21,1%
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Apiaceae	Dor de cabeça e afecções intestinais.	2,6%
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Myrtaceae	Febrífugo.	5,3%
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae	Inflamação na garganta.	2,6%
Hortelã	<i>Mentha x villosa</i> Huds	Lamiaceae	Febrífugo, inflamação na garganta e gripe.	8%
Laranja	<i>Citrus aurantium</i> L.	Rutaceae	Calmante.	2,6%
Malva	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.). Spreng	Lamiaceae	Inflamação na garganta.	2,6%
Macela	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Asteraceae	Afecções intestinais.	8%
Mororó	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Fabaceae – Cercideae	Diabetes.	2,6%
Romã	<i>Punica granatum</i> Linn.	Lythraceae	Inflamações e dor de garganta.	8%
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. e Schltdl.	Adoxaceae	Febrífugo.	2,6%
Saião	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam). Pers.	Crassulaceae	Afecções do estômago.	2,6%
Total (21)				100%

Local de obtenção das plantas medicinais

O público-alvo foi consultado quanto ao ambiente mais próximo onde o mesmo poderia encontrar uma planta medicinal e o lugar mais citado foi a própria residência (61,76%) (Figura 1). Silva e Santos (2017), em um estudo no município de São Gonçalo- RJ, com alunos de ensino fundamental, relataram que 64,37% dos informantes obtêm plantas medicinais em suas residências.

Favilla e Hoppe (2011) defendem que as plantas medicinais, usadas dentro de uma comunidade, resultam em uma forma de aplicar, efetivamente, vertentes de educação ambiental, pois, além de ocorrer a preservação da espécie utilizada, torna o ser humano mais próximo à natureza e contribui para conservar o conhecimento popular.

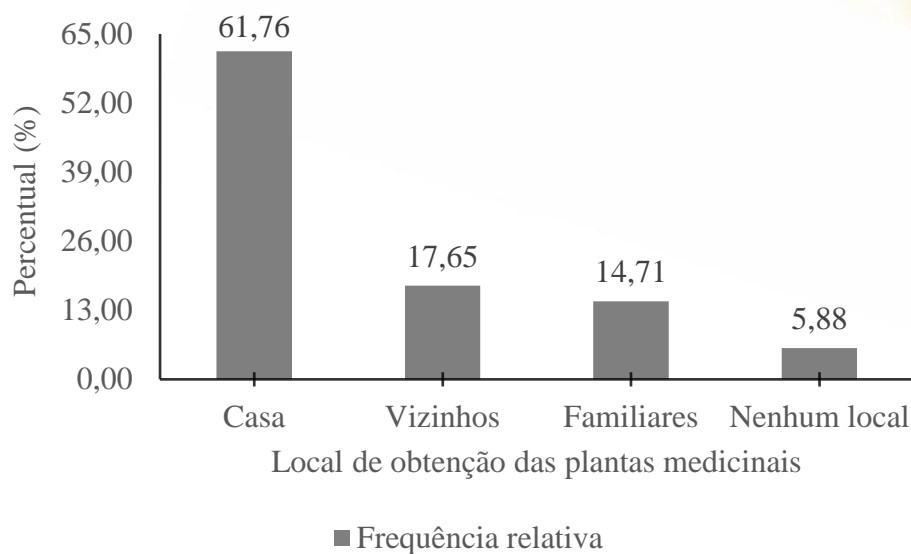


Figura 1: Local mais próximo onde os entrevistados podem encontrar plantas medicinais.

Utilização de remédios caseiros

Todos os informantes já haviam utilizado algum tipo de remédio caseiro à base de plantas medicinais para curar enfermidades. Dados semelhantes foram encontrados por Guerra et al. (2010) e Oliveira et al. (2010).

Os entrevistados indicaram diversas formas de preparo dos remédios: xarope, chá, pomada, suco, óleo, sumo, supositório e balinha. Verificou-se índice mais elevado em relação ao uso do chá (43,33%), seguido do xarope (33,33%) (Figura 2). O emprego do chá, na cura de afecções, também foi bem evidenciado nos trabalhos de Silva e Santos (2017), Bezerra et al. (2012), Oliveira e Menini Neto (2012), Costa e Mayworm (2011) e Sales et al. (2009).

Segundo Simões et al. (1995), os chás consistem na forma de utilização mais apreciada pela população, pois além do valor medicinal específico, contribuem para outros fins, como hidratação, eliminação de toxinas, controle da temperatura corporal e auxílio na digestão de alimentos.

O chá é uma bebida histórica e de fácil formulação, comumente utilizada em seus modos de preparo: infusão, decocção e maceração para enfermidades orgânicas internas, como também externas, nesse último caso, principalmente, empregada como cicatrizante e anti-inflamatório. O chá é utilizado em humanos e animais para diversas finalidades.

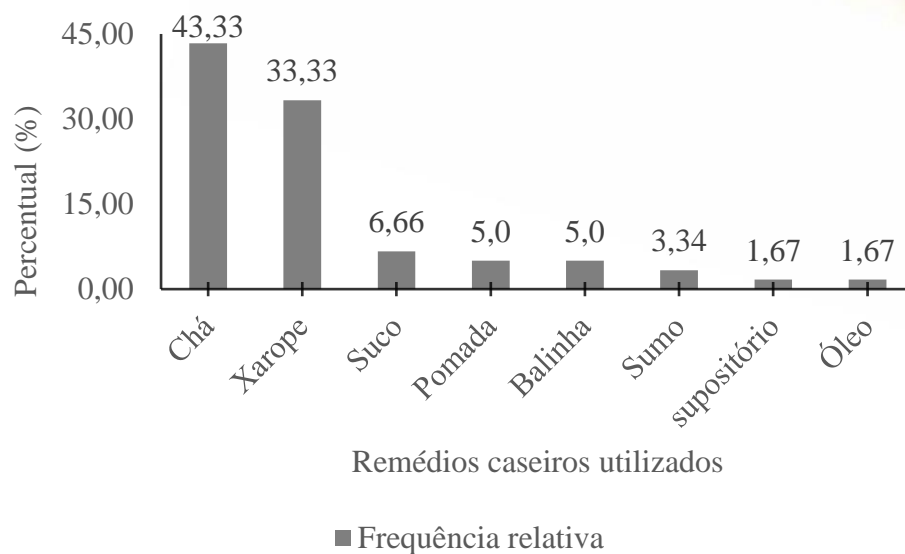


Figura 2: Remédios caseiros utilizados pelos participantes do minicurso.

Fontes de conhecimento sobre as plantas medicinais

Boa parte dos entrevistados (56,61%) afirmou que o aprendizado sobre o uso de plantas medicinais foi adquirido por intermédio da família (Figura 3). Resultados similares foram encontrados por outros autores (LOPES et al., 2018; MERA et al., 2018; SILVA e SANTOS., 2017; OLIVEIRA et al., 2016; OLIVEIRA e MENINI NETO., 2012; SANTOS e SEBASTIANI., 2011).

A família é um sistema que forma um modelo de saúde-doença através dos valores, crenças, conhecimentos e práticas, desenvolvendo sua própria dinâmica de funcionamento promovendo a saúde, prevenindo e tratando a doença (CEOLIN et al., 2011).

Nesse contexto, Schardong e Cervi (2000) mencionaram que o conhecimento que se tem da planta, relativo às suas propriedades medicinais, é uma questão cultural que foi passada de geração em geração, o que traz o resgate do conhecimento popular sobre as plantas medicinais e permite a conservação dessas espécies dentro de um universo familiar.

No entanto é importante que a Universidade se empenhe na propagação de conhecimentos científicos à sociedade como um todo, acerca da identificação, cultivo, importância da preservação e usos terapêuticos adequados de plantas medicinais, bem como dosagens de remédios naturais, associação de fitoterápicos a medicamentos alopáticos e frequência de uso de remédios caseiros, com o intuito de promover melhorias à saúde do usuário, contribuindo dessa forma no contato mais eficaz entre universidade e comunidade,

gerando conhecimento em uma via de mão dupla, propiciando à valorização e conservação do conhecimento popular e científico.

Nenhum informante do presente estudo citou a Universidade como fonte de aprendizado sobre a utilização de plantas medicinais, o que valida a importância desse minicurso para a comunidade estudada, no qual a mesma demonstrou bastante interesse. Moura et al. (2016) observaram que 94,59% dos integrantes de sua pesquisa nunca haviam participado de um curso que tratasse do tema referido.

De acordo com Pilla et al. (2006) à medida que a modernização e o contato com centros urbanos se intensificam, a transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais pode sofrer alterações, sendo necessário fazer o resgate deste conhecimento e das técnicas terapêuticas, promovendo o registro desse aprendizado.

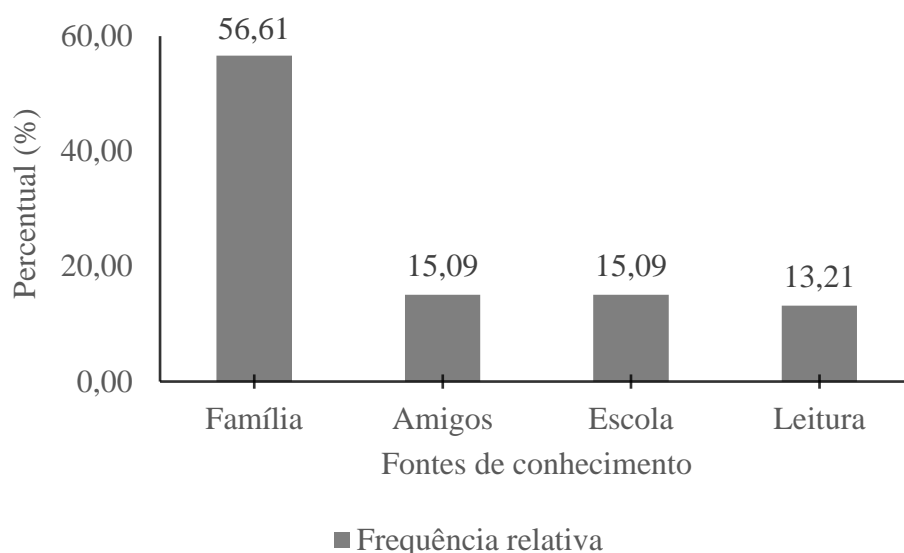


Figura 3: Fontes de conhecimento dos informantes sobre as plantas medicinais.

Conclusões

De acordo com a análise dos dados, todos os participantes do minicurso acreditavam na cura de doenças através da fitoterapia.

Foram registradas 21 espécies de plantas medicinais conhecidas. Considerando-se os usos terapêuticos das plantas referidas pela amostra, a erva cidreira foi a mais citada, com as seguintes indicações fitoterápicas: diarreia, digestão, afecções estomacais, aperiente, calmante, dor de cabeça e dores musculares.

Os informantes utilizavam as plantas medicinais de várias formas no tratamento das enfermidades, destacando-se o uso do chá e do xarope.

O público-alvo mencionou a própria residência como o local mais próximo onde poderia encontrar uma planta medicinal e afirmou que o conhecimento acerca da utilização de plantas medicinais foi adquirido, principalmente, pela família. Isso mostra que nos dias atuais a fitoterapia ainda é uma prática muito comum na sociedade, fazendo parte da cultura familiar.

Com essas informações é possível notar que os entrevistados detêm um conhecimento popular acerca do uso de plantas medicinais e a crença e prática da medicina caseira são transmitidas de pai para filho ao longo das gerações.

Nenhum informante citou a Universidade como fonte de aquisição de conhecimentos sobre esse tema. Demonstrando assim que as Instituições de Ensino superior não têm contribuído, de forma significativa, na difusão de conhecimentos científicos sobre a utilização de plantas medicinais.

Com isso, é de suma importância a interação dos setores educacionais e da saúde com a comunidade na divulgação do uso seguro e eficaz da fitoterapia, contribuindo para se compreender e valorizar essas populações, buscando melhores condições de vida para as mesmas e conservando a diversidade biológica e cultural.

Referências

BEZERRA, A.M.F.; BEZERR, K.K.S.; SOUSA, L.C.F.S.; SOUSA, J.S.; BORG, M.G.B. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Mimoso no município de Paulista, Paraíba – Brasil. **Revista Verde**, v. 7, n. 5, p. 06-11, 2012.

BRIZZOLLA, J.C.; COUTINHO, C.; AMARAL, C.P.; GINDRI, A.L. Promoção da saúde e o uso de plantas medicinais no contexto escolar: um relato de caso. **Vivências**, v. 14, n. 26, p. 281-292, 2018.

BRUNING, M.C.R.; MOSEGUI, G.B.G.; VIANA, C.M.M. A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu-Paraná: a visão dos profissionais de saúde. **Ciência e Saúde coletiva**, v. 17, n. 10, p. 2.675-2.685, 2012.

CEOLIN, T.; HECK, R.M.; BARBIERI, R.L.; et al. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Revescenferm USP**, v. 46, n. 1, p. 47-64, 2011.

COSTA, V.P.; MAYWORM, M.A.S. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes – município de Extrema, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 13, n. 3, p. 282-292, 2011.

DORIGONI, P.A.; GHEDINI, P.C.; FRÓES, L.F.; BAPTISTA, K.C.; et al. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, Brasil. I – Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 4, n. 1, p. 69-79, 2001.

ELISABETSKY, E.; SETZER, R. **Caboclo concepts of disease, diagnosis, and therapy: implications for ethnopharmacology and health systems in Amazonia.** In: PARKER, E.P. The amazon caboclo: historical and contemporary perspectives. Williamsburg: Studies on Third World Societies, 1987. p. 243-278.

FAVILLA, M.A.C.; HOPPE, J.M. As plantas medicinais como instrumento de educação ambiental. **Monografias ambientais**, v. 3, n. 3, p. 468-475, 2011.

FERRÃO, B.H.; OLIVEIRA, H.B.; MOLINARI, R.F.; TEIXEIRA, M.B.; FONTES, G.G.; AMARO, M.O.F.; ROSA, M.B.; CARVALHO, C.A. Importância do conhecimento tradicional no uso de plantas medicinais em Buritis, MG, Brasil. **Revista Ciência e Natura**, v. 36, Ed. Especial, p. 321-334, 2014.

FLORENTINO, A.T.N.; ARAÚJO, E.L.; ALBUQUERQUE, U.P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.

GUERRA, A.M.N.M.; PESSOA, M.F.; SOUZA, C.S.M.; MARACAJÁ, P.B. Utilização de plantas medicinais pela comunidade rural Moacir Lucena, Apodi – RN. **Biosci. J.**, v. 26, n. 3, p. 442-450, 2010.

LOPES, A.C.P.; CEOLIN, T.; CEOLIN, S.; et al. As contribuições da disciplina “Terapias complementares com ênfase em plantas medicinais” na prática profissional dos Enfermeiros. **J. res.: fundam. care. Online**, v. 10, n. 3, p. 619-625, 2018.

MARINHO, M.G.V. **Levantamento de plantas medicinais em duas comunidades do sertão paraibano, Nordeste do Brasil, com ênfase na atividade imunológica de *Amburana cearensis* (Fr. All.) A. C. Smith (Fabaceae).** 2006. 171f. Tese (Doutorado em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos) Laboratório de Tecnologia Farmacêutica - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

MERA, J.C.E.; ROSAS, L.V.; LIMA, R.A.; PANTOJA, T.M.A. Conhecimento, percepção e ensino sobre plantas medicinais em duas escolas públicas no município de Benjamin Constant – AM. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 13, n. 2, p. 62-79, 2018.

MICROSOFT EXCEL® (2016) é marca registrada de Microsoft Corporation.

MING, L.C.; AMARAL JUNIOR, A. **Aspectos etnobotânicos de plantas medicinais na Reserva Extrativista “Chico Mendes”.** 1995. 180f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de São Paulo, Botucatu, 1995.

MOURA, A.S.C.; ARAÚJO, L.G.; CASTELO BRANCO, A.C.S.; CARVALHO, L.M.F.; Conhecimento sobre plantas medicinais e fitoterápicos: um estudo com acadêmicos de nutrição. **R. Interd.**, v. 9, n. 3, p. 18-25, 2016.

OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 14, n. 2, p. 311-320, 2012.

OLIVEIRA, G.L.; OLIVEIRA, A.F.M.; ANDRADE, L.H.C. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil. **Acta bot. bras.**, v. 24, n. 2, p. 571-577, 2010.

OLIVEIRA, I.P.; ARAÚJO, M.P.; MEIRELES, V.J.S.; LEMOS, J.R. Conhecimento de plantas medicinais e relação com o ambiente por alunos de duas escolas de Ensino Fundamental do município de Viçosa do Ceará, Ceará. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 11, n. 1, p. 81-93, 2016.

PILLA, M.A.C.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Obtenção e uso de plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, município de Mogi Mirim, SP, Brasil. **Acta bot. bras.**, v. 20, n. 4, p.789-802, 2006.

SALES, G.P.S.; ALBUQUERQUE, H.N.; CAVALCANTI, M.L.F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim, Areia-PB. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Suplemento especial, n. 1, p. 31:36, 2009.

SANTOS, PV.; SEBASTIANI, R. Plantas medicinais utilizadas por uma comunidade universitária no município de São Paulo, SP. **J Health Sci Inst.**, v. 29, n. 1, p. 11-15, 2011.

SCHARDONG, R.M.F.; CERVI, A.C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande- MS. **Acta Biologica Paranaense**, v. 29, n. 2, p. 187-217, 2000.

SILVA, D.F.; SANTOS, M.G. Plantas medicinais, conhecimento local e ensino de botânica: uma experiência no Ensino Fundamental. **Revista Ciências & Ideias**, v. 8, n. 2, p. 139-164, 2017.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; et al. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1995. 173p.